

SAIA: SEMANA ACADÊMICA INTERDISCIPLINAR DE ARQUITETURA

**PELLEGRINI, ANA CAROLINA (1); MANENTI, LEANDRO (2); BARBOSA, RINALDO (3);
MARTINS, LUCIANA (4)**

1. Universidade Feevale. Curso de Arquitetura e Urbanismo

RS-239, 2755, Novo Hamburgo, RS, CEP 93352-000

anapel@feevale.br

2. Universidade Feevale. Curso de Arquitetura e Urbanismo

RS-239, 2755, Novo Hamburgo, RS, CEP 93352-000

leandro@feevale.br

3. Universidade Feevale. Curso de Arquitetura e Urbanismo

RS-239, 2755, Novo Hamburgo, RS, CEP 93352-000

rinaldo@feevale.br

4. Universidade Feevale. Curso de Arquitetura e Urbanismo

RS-239, 2755, Novo Hamburgo, RS, CEP 93352-000

lmartins@feevale.br

Palavras-chave: interdisciplinaridade; ensino de projeto; síntese de conhecimentos

Resumo

As disciplinas de projeto geralmente protagonizam o currículo dos cursos de arquitetura, enquanto aquelas que o instrumentalizam, abrangendo conhecimentos nas áreas de representação gráfica, teoria e história, sistemas estruturais, técnicas construtivas, conforto ambiental, instalações prediais, etc. costumam ser relegadas a segundo plano. No âmbito do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Feevale tem-se detectado dificuldades dos estudantes para sintetizar através do projeto os conhecimentos das demais disciplinas. Este trabalho apresentará experiência didática que visa à mudança deste diagnóstico: a SAIA. A Semana Acadêmica Interdisciplinar de Arquitetura promove a união das disciplinas de instrumentalização com as de projeto através de painéis coletivos, que consistem na apresentação oral dos trabalhos, seguida de discussão. Divididos em sessões simultâneas, os alunos formam grupos de diferentes adiantamentos curriculares e participam dos painéis de seus colegas, ouvindo comentários do

grupo heterogêneo de professores, demonstrando como os diversos conhecimentos integram-se nos trabalhos apresentados.

1. A FORMAÇÃO DO ARQUITETO

Formar um profissional generalista, “capaz de compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade em relação à concepção, organização e construção do espaço interior e exterior, abrangendo o urbanismo, a edificação, e o paisagismo”, atuante na “conservação e valorização do patrimônio construído” e atento à “proteção do equilíbrio do ambiente natural e utilização racional dos recursos disponíveis” é ao que deve se propor qualquer curso de Arquitetura e Urbanismo em nosso país conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais¹. A Resolução nº 6, disponível para consulta na página do Ministério da Educação na internet, revela a complexidade e o caráter multidisciplinar do campo de conhecimento que envolve o ensino e o aprendizado da arquitetura, haja vista os múltiplos saberes necessários para alicerçar a atuação profissional na área. Entretanto, o domínio dessas habilidades, isoladamente, não é suficiente para que o estudante torne-se um arquiteto. É necessário que a compreensão desses conhecimentos esteja integrada à prática projetual, através do aprendizado significativo e relevante para a prática. Desta forma, para a bem sucedida formação profissional, é imprescindível que sejam oferecidos meios para que o estudante seja capaz de realizar a síntese e a correlação dos diversos conteúdos estudados. No campo da Arquitetura e Urbanismo, a referida síntese traduz-se pela principal atividade dos profissionais da área: o projeto. Através da atividade projetual, o estudante – futuro profissional – deve ser capaz de aplicar os conhecimentos a respeito dos materiais e das técnicas construtivas, dos sistemas estruturais, das instalações prediais, do conforto ambiental, do patrimônio histórico e cultural, da teoria, da história, da expressão gráfica e de outros saberes também relevantes ao projeto, como a sociologia, a psicologia, etc.

Os cursos de Arquitetura e Urbanismo brasileiros, em sua maioria, procuram organizar o aprendizado em torno de um grupo de disciplinas chamadas de “ateliês”, ou seja: disciplinas de prática de projeto, nas quais costuma-se simular a atividade profissional. Em ateliê, os docentes atuam como orientadores no desenvolvimento dos projetos, elaborados com base na construção coletiva e na crítica reflexiva dos trabalhos desenvolvidos. A maneira encontrada para viabilizar esta reflexão e a crítica construtiva, que envolve alunos e professores nos ateliês de projeto, é a prática do “painel”, ou seja: apresentação e defesa oral dos projetos por parte dos estudantes perante colegas e professores.

Donald Schön, no conhecido texto “O Profissional Reflexivo”, analisa a prática do painel acompanhado de assessoramento docente como recurso para o ensino da arquitetura, e valoriza a expressão verbal do estudante e do professor em tais momentos, afirmando: “Desenhar e falar

são formas paralelas de projetar, e juntas compõem o que eu chamarei de linguagem do projeto. (...) As dimensões verbal e não-verbal estão intimamente conectadas.” (SCHÖN, 1983, p. 80-81)

O curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Feevale segue a clássica organização dos cursos do país, estruturando-se a partir do grupo de disciplinas de prática de projetos, presentes do primeiro ao último semestre, as quais compõem a espinha dorsal da formação acadêmica. Organizada em três ciclos básicos de formação, que são sugeridos e estimulados através da semestralidade das disciplinas e dos pré-requisitos, a proposta pedagógica do curso procura contemplar os conhecimentos essenciais para o exercício profissional, além de garantir uma relação estreita entre teoria e prática, buscando conquistar a formação reflexiva e transformadora. Através do ciclo de “Instrumentalização”, visa-se a estabelecer o primeiro contato do estudante com o universo formal, contextual, cultural, histórico da arquitetura – bem como com suas representações, além de sensibilizar o aluno para a composição arquitetônica, para a formação básica de repertório e para os princípios da materialidade do objeto arquitetônico. O ciclo de “Repertorização e Construção do Conhecimento”, por sua vez, procura estabelecer o aprofundamento nas dimensões técnicas específicas do objeto e do fazer arquitetônico, assim como de seus subsistemas. Finalmente, o ciclo de “Consolidação e Transformação” busca a síntese projetual e o enfrentamento dos grandes temas da Arquitetura e Urbanismo.

Através da organização curricular do curso, lança-se mão da ordem das disciplinas na seriação aconselhada e dos respectivos pré-requisitos para promover o encadeamento dos conhecimentos vinculados através das disciplinas de prática de projetos. A ideia é que os conhecimentos abordados nas disciplinas de caráter técnico e teórico durante o semestre sejam levados aos ateliês, buscando a integração destes saberes às questões projetuais. Desta forma, tenta-se idealmente, buscar a objetivação e significação dos conteúdos aprendidos ao longo do semestre através das atividades práticas.

O conhecimento construído durante um semestre torna-se base cognitiva para o próximo ateliê e, assim, sucessivamente, para que, através da prática constante, ele seja incorporado à síntese projetual. Os três últimos semestres da formação acadêmica regular são entendidos como o período de consolidação destes conhecimentos através de sua demonstração na prática projetual dos ateliês de final de curso com exercícios de maior complexidade. Os trabalhos desenvolvidos neste período, incluindo o Trabalho Final de Graduação – cujo nome genérico apresentado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais é “Trabalho de Curso” – devem demonstrar a compreensão e a síntese dos diversos saberes que envolvem a formação do arquiteto e urbanista.

2. A PROBLEMÁTICA DA INTEGRAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

A dinâmica de consolidação do processo de ensino-aprendizagem da arquitetura e do urbanismo requer a apropriação do conhecimento através da utilização de múltiplas formas, não estando este processo limitado apenas às disciplinas ministradas em sala de aula. A formação do futuro arquiteto depende também do envolvimento dos acadêmicos extraclasse, ensejando a relação entre diferentes conteúdos, atividades de laboratórios, visitas a obras, viagens técnicas, etc. No entanto, o que se tem observado é que esta inter-relação de saberes – ou a tão perseguida integração horizontal do currículo – não acontece tão naturalmente como seria desejável, pois muitos dos alunos somente conseguem (ou deveriam conseguir) realizar este feito ao chegarem à etapa final de sua formação, no Trabalho Final de Graduação. Tal panorama agrava-se no âmbito de cursos noturnos – como o da Universidade Feevale – cujo perfil discente é composto predominantemente por estudantes que trabalham durante o dia todo em atividades nem sempre afins às desenvolvidas academicamente, o que compromete sua dedicação ao aprendizado nos horários extraclasse, e torna imprescindível ao corpo docente a busca de alternativas que amenizem essas lacunas através das atividades de sala de aula.

Embora o Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Feevale estimule a integração dos conhecimentos através da sua organização didática, observando a trajetória de outros – mais antigos – cursos de arquitetura brasileiros que adotam a prática da separação dos conhecimentos em disciplinas, percebe-se que tais ações não são suficientes para promover síntese significativa. Em outros países, como o Uruguai, onde o ensino de Arquitetura é parâmetro mundial de qualidade, a prática de ateliês “verticais” (que funcionam como grandes disciplinas anuais nas quais todos os conhecimentos são abordados de forma integrada e coordenados por um responsável único auxiliado por profissionais de diversas áreas) é ainda uma referência distante de nossa realidade econômica e administrativaⁱⁱ.

No curso de Arquitetura e Urbanismo da Feevale, os estudantes costumam matricular-se em uma média de doze a quatorze créditos por semestre, o que corresponde à metade do que é proposto pela grade curricular. Isso significa que, em muitos casos, os alunos cursam os ateliês apenas uma vez ao ano, o que não efetiva a planejada aplicação simultânea dos conhecimentos nas disciplinas fundamentadoras e nas de projeto. Somem-se a isso fatores como a já mencionada indisponibilidade de horários em determinados turnos e dias por parte dos estudantes que já trabalham, e as colisões de horários inevitáveis quando se quebra a sequência completa de disciplinas de um semestre – visto que os horários do curso são planejados para permitir a completude de disciplinas de um mesmo semestre, e o resultado é que os estudantes se beneficiam apenas parcialmente da estrutura pedagógica do curso montada para integrar os conhecimentos.

Essa constatação foi confirmada pela divulgação do relatório do ENADE 2008 – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes, o primeiro realizado de forma integral por ingressantes e

concluintes do curso durante sua relativamente curta existênciaⁱⁱⁱ. Divulgado no segundo semestre de 2009 e cuidadosamente analisado em reuniões entre a coordenação e o Colegiado de professores, o relatório aponta dados reveladores sobre o desempenho dos estudantes do curso. No que diz respeito aos conhecimentos próprios da área, o documento trouxe números que confirmaram diagnóstico que já havia sido realizado pelo Colegiado, como a necessidade de uma abordagem mais arquitetônica dos conhecimentos acerca dos sistemas estruturais, o que se refletiu no melhor desempenho dos ingressantes (que já haviam vivenciado reforma anteriormente implantada) em relação aos concluintes, ainda oriundos da sistemática antiga.

Os dados gerais mais elucidativos a respeito da desconexão dos conteúdos, entretanto, foram encontrados nas respostas a respeito das impressões sobre o exame, nas quais 64% dos estudantes revelaram que estudaram e aprenderam muitos dos conteúdos, embora a maior dificuldade com relação à prova (segundo a opinião de 44%) tenha sido a forma diferente de abordagem dos conhecimentos, enquanto apenas 12% diziam desconhecer o conteúdo. A partir desses dados, o Colegiado do Curso procurou analisar o exame conjuntamente, constatando que era bem elaborado, e estava fundamentado na integração dos conhecimentos, visto que nenhuma das questões contemplava apenas uma área, ou disciplina do curso, o que sugere que, também para o Ministério da Educação, interessa verificar a capacidade de síntese e de relação entre os conteúdos apresentada pelos estudantes.

Cabe ressaltar, ainda, que esses resultados, conforme o relatório, são verificados em todos os estados brasileiros, e que a falta de integração dos conteúdos preocupa grande parte dos colegiados de cursos de Arquitetura e Urbanismo do país, tendo sido esse tema, inclusive, alvo de constantes discussões nos encontros da ABEA – Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura, voltando à tona em seu encontro realizado em Brasília no mês de novembro de 2009, por ocasião da divulgação do relatório. Nessa oportunidade, outras experiências, como a matrícula orientada e a retirada total de pré-requisitos proposta pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), ou a avaliação integrada de projetos proposta pela ULBRA-Manaus (Universidade Luterana do Brasil), entre outras escolas, foram apresentadas, o que suscitou, inclusive, a recomendação de que se deveria propor um encontro específico da ABEA para discutir a questão da integração.

Além do já exposto a respeito da organização didática, o curso aqui apresentado tem procurado promover outros momentos de prática interdisciplinar, como atuação conjunta de disciplinas em determinados momentos do semestre, bem como trabalhos complementares entre disciplinas de semestre subsequentes. Porém, todas estas atividades têm estado condicionadas à disponibilidade e compatibilidade dos professores e dos estudantes, as quais, no âmbito do ensino privado, do turno de estudo noturno, e da conjuntura dos cursos de interior, costumam ser menos satisfatórias que nas universidades públicas, nos cursos diurnos, principalmente no que tange ao comprometimento do corpo discente. Mesmo outras ações, como encontros aos sábados –

promovidos nesse dia justamente para atrair estudantes que não dispõem de tempo durante a semana, têm contado com poucos participantes. Exposições, palestras, viagens de estudo com a presença de vários professores são atividades que visam a promover a almejada integração, porém contam com público restrito e recorrente, não atingindo a grande maioria dos estudantes.

3. A PRIMEIRA SAIA

A partir da composição do NDE – Núcleo Docente Estruturante do Curso de Arquitetura e Urbanismo, em 2009, coincidente com a divulgação do Relatório ENADE 2008, a problemática da interdisciplinaridade tornou-se pauta constante entre o grupo. Estimulado pela Pró-Reitoria de Ensino a pensar em estratégias perante as demandas do ENADE, o NDE propôs inicialmente a realização de uma semana de avaliação integrada, na qual os diversos professores do curso participariam dos painéis das disciplinas de projeto. Entretanto, avançando na discussão, o grupo chegou à conclusão de que, muito além da avaliação, o que se buscava era a integração. Desta forma, a semana de painéis integrados deveria ter como foco a prática da interdisciplinaridade, e não apenas da avaliação. A proposta foi aprovada pelo Colegiado do Curso, contando com o apoio, inclusive, do Diretório Acadêmico. Nasceu assim a SAIA – Semana Acadêmica Interdisciplinar de Arquitetura.

O formato aprovado pelo grupo previu a paralisação das aulas de todas as disciplinas do curso (à exceção dos ateliês) ao longo da décima semana do calendário letivo, o que corresponde ao meio do semestre e aos chamados painéis intermediários das disciplinas de prática de projetos. Estabeleceram-se as chamadas “disciplinas anfitriãs” – que se constituíram nos ateliês de Projeto Arquitetônico I a VII, Paisagismo e Arquitetura de Interiores – e as chamadas “disciplinas convidadas” – que compreenderam todas as demais. Às “anfitriãs” coube organizar as apresentações dos projetos que estavam desenvolvendo através de painéis, enquanto às “convidadas” tocou promover a discussão acerca dos projetos apresentados ressaltando os pontos de contato entre os diferentes saberes, inclusive levando a experiência para além do momento da SAIA, incorporando os projetos e discussões desenvolvidas às aulas do restante do semestre. Neste processo, o papel dos professores responsáveis pelas disciplinas “convidadas” foi fundamental, na medida em que coube principalmente a eles a tarefa de ratificar os pontos de convergência entre os exercícios apresentados pelos ateliês e as disciplinas por eles ministradas.

A logística e organização geral da proposta foram amplamente discutidas nas reuniões do Colegiado ao longo do ano de 2010, e a proposta de calendário gerou dois painéis simultâneos para cada dia de SAIA. Nesse ponto, a previsão de espaço físico tornou-se um desafio, pois não se sabia previamente como seria a adesão dos estudantes à proposta, visto que historicamente, durante as atividades que não se constituem como aulas convencionais, tais como semanas

acadêmicas ou aulas inaugurais, há um esvaziamento das turmas. Nesse caso, portanto, a expectativa era de que, em sua primeira edição, a SAIA contasse com um público pequeno.

Incorporada ao calendário de atividades do primeiro semestre de 2010, a primeira SAIA foi realizada entre os dias 3 e 7 de maio, e o receio do Colegiado sobre o número de alunos participantes não se confirmou, pois as salas contaram com um significativo público de mais de 150 pessoas por sessão, que participaram da atividade integralmente, até o horário de encerramento do turno da noite.

Apesar do caráter de novidade, o desenrolar da SAIA foi bastante natural e organizado. A divulgação – realizada em sala de aula e através das redes sociais virtuais mantidas pelo curso, como Blog, Twitter, lista de discussões – foi bastante eficiente, e não houve casos de estudantes que tenham relatado desconhecimento a respeito da atividade. Até mesmo o fato de os painéis geralmente despertarem certa apreensão nos alunos, paradoxalmente, motivou a ampla divulgação do evento.

A respeito da insegurança histórica dos estudantes perante os painéis, a constatação também foi positiva, pois a apreensão inicial gerada pela iminência da apresentação dos trabalhos logo foi substituída pela vontade de tomar parte na atividade, acolhendo as críticas e os comentários como forma de qualificar seus projetos, e de contribuir para que o grupo aprendesse a partir das experiências individuais. É provável que esta “tranquilidade” tenha resultado do entendimento por parte dos docentes e discentes de que a SAIA não deveria se tornar um momento de avaliação (como costumam ser os painéis convencionais), e que as críticas construídas a partir de cada projeto visavam à transcendência daquele objeto específico para a construção coletiva de critérios de excelência arquitetônica e da correlação das diversas áreas do conhecimento.



Figura 01: Fotografia SAIA 2010/01
Fonte: Acervo do Curso de Arquitetura e Urbanismo Feevale

Para o corpo docente, a proposta, além de propiciar o despertar dos estudantes para determinadas disciplinas vistas por eles isoladamente no currículo, possibilitou que os professores

verificassem se o programa de suas disciplinas contemplava, de fato, a proposta geral do curso, e identificassem se a forma como suas aulas vinham sendo ministradas estava alinhada àquilo que os demais colegas estavam desenvolvendo.



Figuras 02, 03, 04: Fotografias SAIA 2010/01
Fonte: Acervo do Curso de Arquitetura e Urbanismo Feevale

4. O DESDOBRAMENTO DA SAIA

O sucesso desta primeira SAIA, naturalmente, estimulou o Colegiado a repetir a semana de painéis nos semestres subsequentes. Apesar de a repercussão da experiência inicial ter sido praticamente unânime quanto aos aspectos positivos, os problemas, quando apontados, diziam respeito à falta de espaço físico nas salas, que acabaram por não acomodar adequadamente todos os estudantes que desejavam participar da atividade, obrigando até mesmo a que parte da assistência permanecesse em pé.

As salas escolhidas para a realização da primeira SAIA foram as maiores de que dispunha o curso – uma vez que se desejava manter a atmosfera da sala de aula ao invés de adotar o formato auditório, que desestimularia a participação dos estudantes assistentes. Mesmo assim, constatou-se a lotação das duas sessões simultâneas que foram organizadas. Desta maneira, para o segundo semestre de 2010, bem como para o primeiro semestre de 2011, foram organizadas mais sessões em cada noite, visando à melhor distribuição dos estudantes, e ao envolvimento de mais disciplinas de projeto na atividade – contemplando a todos os ateliês do curso, inclusive as disciplinas de projeto urbanístico e o Trabalho Final de Graduação. Ao invés das duas sessões simultâneas da primeira edição, a SAIA passou a contar com quatro sessões nos turnos vespertinos e noturnos da segunda e terça-feira, e com três apresentações ao mesmo tempo nas noites de quarta a sexta-feira. A montagem do cronograma e a determinação das disciplinas “anfitriãs” e “convidadas” levou em consideração o adiantamento dos estudantes que comporiam cada sessão e a afinidade entre os assuntos abordados pelas disciplinas teóricas e/ou técnicas e o tema do projeto que estava sendo desenvolvido em cada ateliê.



Figura 05: Fotografias SAIA 2010/02
Fonte: Acervo do Curso de Arquitetura e Urbanismo Feevale

Infelizmente, neste novo formato, as Semanas Acadêmicas Interdisciplinares da Arquitetura não contaram com participação tão representativa por parte dos estudantes, como da primeira vez. A

multiplicação das sessões acabou gerando a dispersão dos alunos, além de ter dificultado o controle das presenças por parte dos professores.



Figura 06, 07, 08: Fotografias SAIA 2010/02
Fonte: Acervo do Curso de Arquitetura e Urbanismo Feevale

Apesar do relativamente baixo quórum, os painéis transcorreram de forma proveitosa, ensejando o debate sobre os projetos, já que contavam com uma assistência, de fato, interessada e participativa. No entanto, o número pouco expressivo de estudantes na audiência vai de encontro ao propósito inicial da SAIA – que era justamente o de socializar junto ao grande grupo a produção dos ateliês, bem como oportunizar momentos de síntese crítica dos conhecimentos pertinentes às diferentes disciplinas do curso, construída coletivamente.

A diminuição do interesse dos discentes pela SAIA tornou-se tema de discussão nas reuniões de Colegiado do curso, além de ter sido alvo também de reflexão dos representantes do Diretório Acadêmico. Diferentes razões foram identificadas para as segunda e terceira SAIA não terem repetido o sucesso da primeira. Inicialmente, os estudantes justificavam que, por estarem envolvidos com as apresentações de trabalho quando componentes das turmas “anfitriãs”, deixavam de comparecer como “convidados” justamente a fim de dedicar este tempo para ultimar o projeto a ser apresentado em outro turno^{iv}. Outra razão, diametralmente oposta, apontada pelo Diretório Acadêmico, foi a falta de algum tipo de “cobrança” dos professores das disciplinas “convidadas”. Segundo os próprios representantes dos alunos, muitos colegas deixavam de assistir aos painéis, pois não havia obrigações como elaboração de relatórios, avaliação, etc. De acordo com os estudantes, principalmente quem reside em outra cidade (o que é bastante comum neste curso de abrangência regional) passou a ver a semana “sem aulas” como uma oportunidade para ficar em casa.

A partir destas constatações, o que se planeja para a próxima SAIA, a fim de reconquistar a participação majoritária do corpo discente, são ações construídas entre o Colegiado de professores e representantes do Diretório Acadêmico, tais como:

- evitar que as entregas de trabalho coincidam com os dias da SAIA. Ou seja: os alunos que forem selecionados para realizar apresentações nas disciplinas “anfitriãs”, deverão entregar seus trabalhos na semana anterior, o que os liberará para participarem tranquilamente das demais sessões como “convidados”;
- solicitar aos professores das disciplinas “convidadas” que elaborem atividades com seus alunos a partir da experiência da SAIA, criando instrumentos de avaliação para a participação dos estudantes, retomando em sala de aula os pontos abordados nesta semana especial do curso que vão ao encontro dos conteúdos ministrados.

Outra sugestão, desta vez de iniciativa do Diretório Acadêmico, foi a realização de um concurso para eleger os melhores trabalhos apresentados. A escolha poderia se dar através do Blog do curso. Esta atividade, no entanto, deve ser de responsabilidade exclusiva dos acadêmicos, visto que ao Colegiado não pareceu adequado tomar parte na votação, já que, pedagogicamente, a ideia da SAIA não é ranquear, mas sim, a de dividir experiências – além do quê, os trabalhos

apresentados estão ainda em desenvolvimento, e não concluídos. Há que se reconhecer, entretanto, que há grande possibilidade de um concurso como o imaginado pelo D.A. envolva e comprometa mais os estudantes com a SAIA.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A próxima SAIA acontecerá em outubro de 2011, portanto, após o encaminhamento deste texto. Os resultados das adequações promovidas para a qualificação da atividade poderão ser apresentados em novo texto – principalmente se forem bem sucedidos. No entanto, independentemente deste próximo diagnóstico, é incontestável que, com mais ou menos participação, para os estudantes, a experiência trouxe um novo olhar sobre questões historicamente problemáticas, como a apresentação de painéis, o discurso em público e a defesa de suas ideias. A prática da apresentação e convencimento de um público a respeito de decisões projetuais acompanhará a trajetória do futuro profissional, e deve ser trabalhada durante todo o curso de Arquitetura e Urbanismo. Entretanto, a forma de avaliação convencional, na qual as críticas centradas no objeto somam-se ao sentimento de apego que se estabelece entre o autor e seu projeto, acaba muitas vezes levando à compreensão equivocadamente personalizada da crítica. Nas SAIA, por outro lado, os estudantes perceberam que a crítica procura transcender o objeto analisado, sendo ela o principal instrumento de ensino/aprendizagem nas disciplinas de ateliê.

Para o corpo docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Feevale, a SAIA tem sido um importante exercício de visão sistêmica de projeto, no qual cada professor procurou estabelecer os pontos de contato entre a sua disciplina e o curso como um todo. O entendimento de que o todo é feito de partes que devem ser correlacionadas suscitou uma série de revisões pertinentes, que estão sendo conduzidas pelo NDE, e que já foram reconhecidas pelos docentes como essenciais.

As semanas destinadas à síntese dos conhecimentos através do ensino de projeto arquitetônico cumpriram seu objetivo. Além de interesse, motivação e provocação, pode-se afirmar que foi dado um importante passo na direção da consolidação da interdisciplinaridade no processo de formação de futuros arquitetos e urbanistas e é fundamental para os envolvidos na atividade docente compartilhar suas experiências em fóruns como esse, dividindo acertos e equívocos, buscando a qualificação do ensino de projeto em nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005. 286 p.

EXPLORA: o ensino da arquitetura = En la enseñanza de la arquitectura. Porto Alegre: Ed. Ritter dos Reis, 2004.

CAMPOS CALVO-SOTELO, Pablo. *La Arquitectura en el Aula Inteligente*. In: SEGOVIO OLMO, Felipe. *El Aula Inteligente: nuevas perspectivas*. Madrid, España: Editora Espasa Calpe, 2003. p. 279-343.

CORONA-MARTÍNEZ, Alfonso. *Ensaio sobre o projeto*. Brasília: Editora UNB, 2000.

PINTO, Valeska Peres; EIRAS, Isabel Cristina (Org.). *A educação do arquiteto e urbanista: reflexões da professora Maria Elisa Meira*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001. 160p.

SCHÖN, Donald A. *The reflective practitioner: how professionals think in action*. Estados Unidos: Basic Books, 1983. 374 p.

ⁱ Conforme a Resolução No 6, de 02 de Fevereiro de 2006 do CNE/MEC.

ⁱⁱ Ver *EXPLORA: o ensino da arquitetura = En la enseñanza de la arquitectura*. Porto Alegre: Ed. Ritter dos Reis, 2004.

ⁱⁱⁱ O Curso de Arquitetura e Urbanismo da Feevale teve início no primeiro semestre de 2000.

^{iv} Já que as entregas dos projetos foram, de maneira geral, programadas para a própria noite de apresentação.